

BETAR & ARTES LETRAS



tudo isto é jazz

uma viagem pelo jazz
ao longo do séc. XX

B
Betar

#161 | FEVEREIRO | 2024



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



**A Artes&Letras já está disponível online.
Subscreva a nossa newsletter em www.betar.pt**

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia n° 53, 2° Esq. 1000-148 Lisboa**

Administração: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



Este mês, as propostas culturais vão do piano ao jazz, passando por uma mostra de arte surrealista e um festival de cinema alemão. Mas começemos pelo teatro. “Livrar-me”, escrita por Ana Lázaro, com música de Luísa Sobral, sobe ao palco do Teatro Meridional numa homenagem à literatura e aos escritores; e “Tempestade ainda”, encenada por João Lourenço no Teatro Aberto, apresenta uma peça do escritor Peter Handke, sobre a história dos seus antepassados no tempo da II Guerra Mundial. Numa mistura entre teatro e música, “Tudo Isto é Jazz” leva-nos a fazer uma viagem pela progressão estética do jazz ao longo do século XX, com o ator João Lagarto, a Orquestra do Hot Clube de Portugal e diversos músicos convidados.

Na dança, um texto irreverente e uma música de Radiohead combinam-se num espetáculo sobre a revolucionária Louise Michel; e nas artes, destaque para a exposição “Surrealism Now 2024”, representada por 125 artistas, de 52 países.

Os concertos em relevo nesta edição são os de Manel Cruz, no Centro Cultural de Belém; Maria João Pires, na Casa da Música; e o “Festival Rescaldo”, no Teatro do Bairro Alto.

Por fim, o Goethe-Institut apresenta a primeira edição do “KULTURfest – Festival de Culturas de Expressão Alemã”, um festival de cinema, literatura e música que passa pelo Cinema São Jorge.

Na entrevista, o Eng. Carlos Guerra, a quem agradecemos a disponibilidade para nos receber, fala-nos da importância e desafios da Concessão Autoestradas do Atlântico, que gere a A8 e a A15.

EDITORIAL



Fábio Milhazes

edtor convidado

BETAR

A Betar oferece aos seus clientes as melhores ferramentas e práticas de gestão de Obras de Arte e uma equipa de especialistas com uma vasta experiência



A

área de Gestão de Ativos da Betar conta com a Aplicação de Gestão de Obras de Arte (GOA), baseada em práticas de gestão inovadoras. Desde a sua criação, esta unidade tem sido líder nacional, ajudando

continuamente os seus clientes a implementar e manter as melhores estratégias de gestão.

A Concessão AEA – Autoestradas do Atlântico está entre as entidades que utiliza a aplicação GOA, sendo alvo de acompanhamento regular por parte dos nossos técnicos. Há 25 anos que a Betar colabora com a AEA, realizando inspeções principais, de rotina e vistorias técnicas às Obras de Arte da concessão.

Com recurso ao know-how adquirido ao longo dos anos, aliado à mais avançada tecnologia, avaliamos minuciosamente todas as estruturas, garantido assim a sua segurança e bom estado de conservação. O nosso compromisso é melhorar a eficiência, segurança e confiabilidade das operações rodo e ferroviárias.

Concessão AEA – Autoestradas do Atlântico, Portugal

Solução: Gestão de Ativos

Tipo: Pontes rodoviárias e Pórticos de Sinalização

Obras de Arte inspeccionadas: 386 (307 na A8 e 79 na A15)

Pórticos inspeccionados: 167 Pórticos + 60 Semi-Pórticos

Inspeções Principais a Obras de Arte: 1807

Inspeções de Rotina a Obras de Arte: 5257

Período de inspeções: desde 1999

À CONVERSA COM



Eng. Carlos Guerra

“Desde o início que apostámos em duas vertentes principais, a gestão de Obras de Arte e de pavimentos. São os ativos mais importantes e mais valiosos que temos. Precisamos de os ter em condições porque é a segurança que está em causa”

Fale-nos do seu percurso profissional e do cargo atual na Autoestradas do Atlântico (AEA).

Sou engenheiro civil, comecei a trabalhar como projetista de vias de comunicação. Em 1991 fui para a Brisa e em 1999 vim para a Autoestradas do Atlântico. Neste momento, na Autoestradas do Atlântico (AEA) existe a Direção de Operação de Infraestrutura, composta por três serviços, portagens, operação e manutenção, e eu sou responsável pelo serviço de manutenção, no qual se insere a gestão das Obras de Arte, pavimentos, sinalização, drenagem...

A AEA faz a exploração da A8 e da A15.

Quais os maiores desafios?

É sempre preciso manutenção mas especialmente agora que estamos quase no fim da concessão, que termina em 2028. A AEA foi criada em 1998. Nessa altura herdámos metade da concessão, cerca de 80 Km, e construímos os restantes 90 Km, mais ou menos. Algumas obras já tinham alguns anos, por exemplo, a CRIL foi feita nos anos 80. Quanto mais antigas, mais atenção requerem, naturalmente. Esta concessão é uma PPP da primeira fase. A responsabilidade do tráfego está do nosso lado, recebemos as portagens e temos de gerir esse dinheiro para as manutenções. Ou seja, se o tráfego diminuir, como aconteceu na altura da crise de 2008, temos de assumir esse prejuízo.

Qual a estratégia para ser uma empresa

de referência na gestão de infraestruturas rodoviárias?

Desde o início que apostámos em duas vertentes principais, a gestão de Obras de Arte e de pavimentos. São os ativos mais importantes e mais valiosos que temos. Precisamos de os ter em condições porque é a segurança que está em causa. Quando a concessão foi criada, a Betar esteve no arranque da gestão das Obras de Arte, foi uma das apostas iniciais e sempre foi muito importante para nós, para garantir que nada falha. A Betar realizou vários projetos de Obras de Arte da própria concessão e tem feito sempre as inspeções. A nossa estrutura é reduzida, portanto temos de subcontratar, mas não na ótica do mais barato, preferimos criar parcerias. Assim como a Betar é responsável pelas Obras de Arte; para os pavimentos também temos uma empresa a colaborar connosco desde o início. Em quase todas as áreas temos um parceiro certo o que nos dá confiança. Tem sido uma boa estratégia.

Nos últimos 20 anos a Betar tem prestado serviços de gestão das obras de arte, fiscalização e inspeção. Como tem sido a colaboração?

A Betar percebe as nossas necessidades e ajusta-se a elas, que é algo que aprecio muito. Estão sempre disponíveis para participar nas soluções. Por exemplo, a determinada altura lançámos um desafio ao Eng. Tiago Mendonça: termos um sistema de gestão de pórticos de sinalização, à semelhança do sistema de Gestão de Obras



de Arte (GOA). Não sei se foi por nossa causa ou não, mas a Betar criou o GOA Gestão de Pórticos que foi ao encontro das nossas necessidades e tem resultado com outros clientes. Temos uma colaboração muito próxima com bons resultados.

Como está a saúde das Obras de Arte na A8 e A15?

Está boa. São obras antigas e têm sempre uma patologia ou outra, mas de uma forma geral temos um parque bastante saudável. A vantagem das inspeções periódicas é que conseguimos atuar em antecipação, não estamos à espera que a obra tenha patologias graves para intervir, vamos sempre fazendo pequenos trabalhos para garantir boas condições. Os orçamentos nunca são ilimitados, é preciso gastar o dinheiro nos sítios mais adequados, e é aí que a Betar nos ajuda, sobretudo a conseguir atuar antes da obra chegar a um estado em que o investimento já teria de ser muito superior. Um dos problemas das grandes reparações é o condicionamento do tráfego, quanto mais complicadas as patologias, mais demorada a intervenção e maior a interferência com o tráfego.

Como avalia o sistema de gestão de obras

de arte GOA?

Penso que fomos a primeira concessionária, depois da Brisa, a usar o GOA e neste momento está em quase todas. É uma mais-valia. No nosso caso, as inspeções estão adjudicadas à Betar, que carrega a informação no sistema. Nós podemos aceder à informação sempre que quisermos e fazer algum registo, o que não temos sentido necessidade porque a Betar está cá todos os anos. Faz as inspeções principais de 6 em 6 anos, a todas as obras, e inspeções de rotina ano sim, ano não, mas como é desfasado estão sempre por aí, o que nos dá maior segurança.

A AEA teve um impacto decisivo no desenvolvimento da região oeste e no turismo...

Sim, há muito turismo, o tráfego tem subido bastante, foi de facto um fator de desenvolvimento para a região, e às vezes sentimos essa pressão das próprias Câmaras Municipais. Esta zona está a mexer bastante, Óbidos, Nazaré, Peniche; e depois há muita gente que, por causa do teletrabalho, se mudou de Lisboa para aqui, principalmente até Mafra. Há também muitos estrangeiros a viver aqui, reformados que se instalaram nesta zona.

SUGESTÕES

TEATRO



Livrar-me

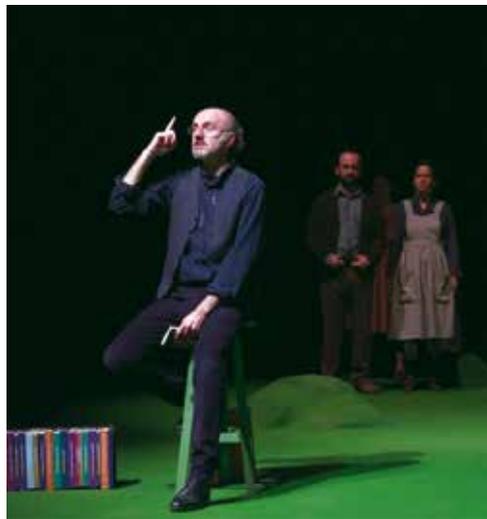
Uma mulher é a narradora da sua própria vida antes de ficar completamente às escuras. Como a personagem de um livro que nunca chegou a acontecer, ou de uma história que, pelo contrário, não deixa nunca de se desenrolar. É através dos livros que entra em diálogo com o passado. No espaço partilhado entre o autor e o leitor abre-se uma porta para a memória, há uma comunicação direta entre o que lemos e a reflexão da nossa vida. “Livrar-me”, escrita por Ana Lázaro, com música de Luísa Sobral, é uma homenagem à literatura e aos escritores, uma viagem por todas as frases que foram escritas e não podem ser esquecidas. **ATÉ 18 DE FEVEREIRO**

Teatro Meridional, Lisboa

TEATRO

Tempestade ainda

No papel de Eu, o escritor, Peter Handke regressa às suas raízes, na Áustria profunda, para narrar a história dos seus antepassados no tempo da II Guerra Mundial. Na paisagem de montanha da sua terra natal, os seus familiares vêm ao seu encontro e contam-lhe a opressão que sofreram sob o domínio nazi, a proibição de falarem a sua língua, a obrigação de partirem para a guerra com o uniforme alemão... Misturando recordações, factos e ficção, Handke presta homenagem aos seus antepassados e ilumina acontecimentos obscurecidos ou mesmo esquecidos pelos livros de História. Há tempestade ainda, as vozes não se calaram... **ATÉ 29 DE FEVEREIRO**



Teatro Aberto, Lisboa

Este mês, as propostas culturais vão do piano ao jazz, passando por uma mostra de arte surrealista e um festival de cinema alemão, sem esquecer duas fantásticas peças de teatro



ARTES

Surrealism Now 2024

O surrealista Santiago Ribeiro encontrou no Palácio de Mafra o cenário perfeito para a exposição “Surrealism Now 2024”. Depois de já ter passado por várias cidades, a mostra de arte representada por 125 artistas, de 52 países, homenageia Isabel Meireles, uma das mais importantes surrealistas de Portugal. O movimento Surrealism Now começou em 2010, organizado pela Fundação Bissaya Barreto. Trata-se de um projecto inovador, apresentado por Santiago Ribeiro, pintor surrealista português, que se dedica a promover o Surrealismo do século XXI, através de exposições apresentadas ao longo dos últimos 14 anos, em vários pontos do mundo. O artista português é o mentor e promotor da maior exposição surrealista mundial do século XXI, International Surrealism Now. **DE 5 A 17 DE FEVEREIRO**

Palácio de Mafra



Louise Michel

DE 8 A 10 DE FEVEREIRO NA CULTURGEST, LISBOA

A luta de uma revolucionária, Louise Michel, inspira um grupo de mulheres com bandeiras negras em riste. Dançam ao ritmo de “Exit Music (For a Film)”, de Radiohead, e com base num texto irreverente, um excerto de “Deviam Ter Ficado em Casa, Seus Anormais”, de Rodrigo García.

Festival Rescaldo 2024

DIA 10 DE FEVEREIRO NO TEATRO DO BAIRRO ALTO, LISBOA

A primeira atuação no festival está a cargo da dupla constituída pela percussionista Sofia Borges e pela pianista Marta Warelis. Segue-se um encontro inédito entre a cantora Lula Pena, o artista visual, poeta e performer, António Poppe, e o artista sonoro Carlos Santos. Um espetáculo surpreendente.



Maria João Pires

DIA 15 DE FEVEREIRO NA CASA DA MÚSICA, PORTO

Maria João Pires é uma das maiores intérpretes do nosso tempo, que conquistou o mundo inteiro. Em palco, a individualidade das suas interpretações ao piano não deixa ninguém indiferente e os seus recitais são momentos verdadeiramente únicos. Neste concerto revisita obras marcantes da sua carreira.

Manel Cruz

DIAS 27 E 28 NA CASA DA MÚSICA, PORTO E 29 NO CCB, LISBOA

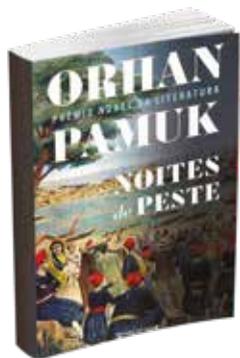
Ornatos Violeta, Foge Foge Bandido, Pluto e Supernada são projetos que marcaram as últimas décadas da música portuguesa e têm em comum o toque de Manel Cruz. Este ano, o artista está de volta aos palcos, com novas canções em nome próprio, num espetáculo emocionante e irreverente.



Tudo Isto é Jazz

Este espetáculo leva o público a fazer uma viagem pela progressão estética do jazz ao longo do século XX. Numa inédita combinação de teatro e música, sobem ao palco o ator João Lagarto, a Orquestra do Hot Clube de Portugal, dirigida por Pedro Moreira, e ainda diversos músicos convidados como Maria João, Rita Maria e Sofia Hoffmann, Ricardo Toscano, Laurent Filipe, Rão Kyao, Zé Eduardo, Jorge Costa Pinto, António José de Barros Veloso e Gonçalo Sousa. Em palco estão representadas três gerações de músicos de jazz portugueses, cujas idades oscilam entre os 20 e os 90 anos. Musicalmente, a Orquestra do Hot Clube ilustra os sucessivos estilos jazzísticos que se foram desenvolvendo. Teatralmente, João Lagarto dá a conhecer o percurso e o legado de Villas-Boas, considerado o “pai” do jazz em Portugal. **DIA 9 DE FEVEREIRO**

PARA LER

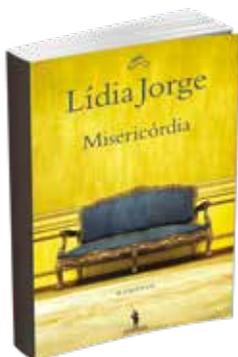


Noites e peste Orhan Pamuk

1901. O navio real Aziziye aproxima-se sorrateiramente da famosa ilha de Mingheria, que é o 29.o estado do Império Otomano em decadência. A bordo do navio, seguem a princesa Pakize, filha de um sultão deposto, o marido e príncipe consorte doutor Nuri, e Bonkowski Paxá, o químico real. Cada um deles tem uma missão para cumprir. Aproxima-se uma catástrofe, e nem todos os habitantes de Mingheria sobreviverão às próximas semanas. Há quem fale na peste - rumores que alguns no poder tentam abafar - mas a peste não é o único assassino. Em breve, os olhos do mundo voltar-se-ão para esta antiga ilha, onde o futuro de um frágil império está em jogo.

Misericórdia Lídia Jorge

Esta é a história que a mãe de Lídia Jorge lhe pediu que escrevesse. “Misericórdia” é um dos livros mais audaciosos da literatura portuguesa dos últimos tempos. Como a autora consegue que ele seja, ao mesmo tempo, brutal e esperançoso, irónico e amável, misto de choro e riso, é uma verdadeira proeza. Não são necessárias muitas palavras para apresentá-lo trata-se do diário do último ano de vida de uma mulher que se transforma no testemunho admirável da condição humana. E isso acontece porque o milagre da literatura está presente. Vencedor de cinco prémios literários, “Misericórdia” é um livro necessário nos tempos que correm, quando existem tantas provas decisivas para a Humanidade.



KULTURfest

O Goethe-Institut apresenta a primeira edição do “KULTURfest – Festival de Culturas de Expressão Alemã”, um festival de cinema, literatura e música. O evento concentra, a partir deste ano, mostras e programas já conhecidos do público como a “KINO” e o “JiGG”.

No cinema, “Talking about the wheather”, de Annika Pinske, será exibido no Goethe-Institut, dia 1, e “Sisi & Eu”, dia 2. A sessão de encerramento, no dia 5, no Cinema São Jorge, apresenta o filme de Margarethe von Trotta, “Ingeborg Bachmann – Journey into the Desert”, um retrato da vida da poetisa e autora austríaca Ingeborg Bachmann. Encontros literários e música fazem também parte da programação.

Haverá ainda um ciclo de filmes inspirados na obra literária de Franz Kafka, a realizar em fevereiro na Cinemateca.

ATÉ 5 DE FEVEREIRO

Goethe-Institut,
Cinema São Jorge
e outros espaços de Lisboa

HOMENAGEM



Arq. Raúl Ceregeiro

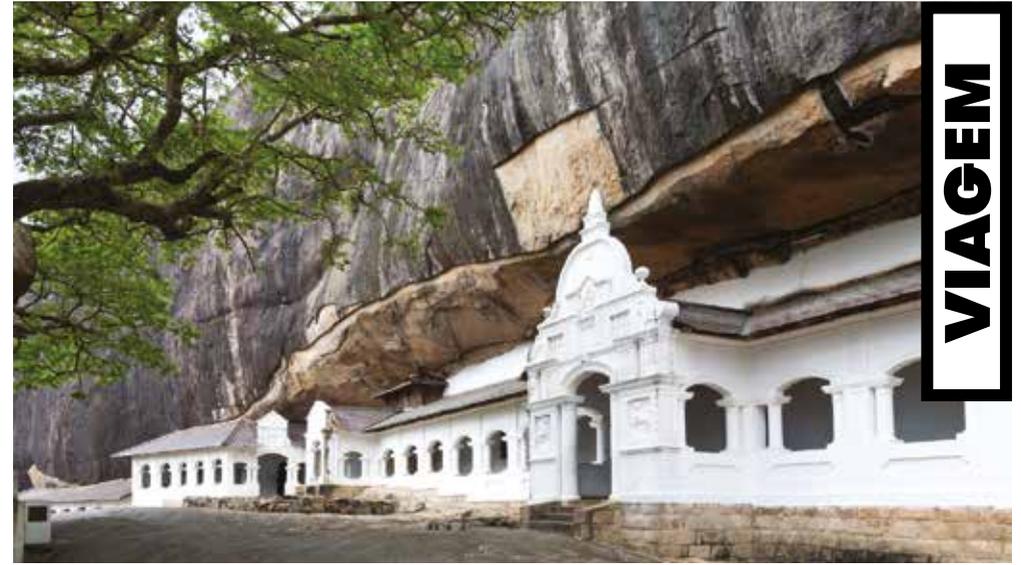
O arquiteto Raúl Ceregeiro deixou-nos em janeiro e a Betar não podia deixar de lhe prestar uma homenagem.

Autor e coautor de inúmeros projetos de arquitetura, Raúl Ceregeiro prezava a natureza interdisciplinar, o compromisso e o carácter social da profissão de arquiteto.

Em colaboração com a Betar, mais especificamente com o Eng. António Rocha Cabral, realizou os projetos do Edifício dos Transportes Coletivos do Barreiro; a Estação Fluvial Transtejo, no Montijo; os Passadiços do Castelo de São Jorge; a Junta de Freguesia do Castelo, entre outros.

Para além da profissão de arquiteto, Raúl Ceregeiro tinha também um enorme gosto pelas Artes Plásticas, chegando mesmo a produzir diversas obras e a participar em exposições de pintura e fotografia.

Permanecerá a sua obra, quer na arquitetura, quer nas artes.



VIAGEM

Sri Lanka

Tenho uma enorme paixão pela Ásia e, quando o meu filho tinha 2 anos, decidimos rumar ao Sri Lanka, depois de muita investigação e contactos que nos levaram a concluir que seria uma “Índia limpa e segura”. O que se comprovou. Encontrámos um país bonito e tranquilo, com pessoas amigáveis.

Não ficámos na capital Colombo mais que o necessário para descansar e contratar um rapaz para nos conduzir pelo país. Um jovem descendente de portugueses, de nome Pedro, que aceitou fazer o percurso que tínhamos pré-definido e levar-nos a alguns restaurantes menos turísticos. A primeira paragem foi em Kandy, para visitar o Royal Palace. Dalí fomos para Polonnaruwa, uma cidade antiga, onde se podem visitar as ruínas de outro palácio real. Seguiu-se Dambulla, com o seu Buda gigante e o espetacular Cave Temple, construído dentro de uma enorme rocha, com salas repletas de estátuas de Budas. Bastante tempo depois de voltarmos a Portugal, ainda o meu filho chamava “Buda” a todas as estátuas que via... Classificada como Património Mundial da UNESCO, Sigiriya é uma das principais atrações do Sri Lanka. A Lion Rock é uma cidadela construída no cimo de uma enorme rocha. Subimos todas as escadas, com o miúdo num marsúpio, felizmente não nas minhas costas. A vista é soberba. Depois, pedimos ao Pedro para nos deixar em Nuwara Elyya e ir esperar-nos a Ella, para podermos fazer uma incrível viagem de comboio. Seguiu-se uma visita ao Udawalawe - Elephant Transit Home, um orfanato que cuida de bebés elefantes órfãos e, por fim, descansámos uns dias em Talalla Beach, um sítio descontraído com águas cristalinas. Aqui o meu filho aprendeu a dizer “tata”, que é “adeus” em cingalês.

B Betar

DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA



GOA
GESTÃO DE OBRAS DE ARTE



GOA
GESTÃO DE PORTOS